

O OUVINTE E SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA DE SINAIS E COM A SURDEZ

Marlene Catarina de FREITAS¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa em andamento sobre como se constrói a relação do ouvinte com o mundo da Surdez, levantando as dificuldades/facilidades encontradas nessa interlocução e focalizando o processo de entrada desse ouvinte em contato/conflito com a Língua de Sinais. Através de uma pesquisa etnográfica (Erickson, 1984), essa relação é observada a partir da experiência da pesquisadora durante um curso de Língua de Sinais, ministrada por um professor surdo. Neste trabalho, primeiramente, a pesquisadora manteve um diário de campo durante as aulas de Línguas de Sinais por ela freqüentadas como aluna e observadas. Em um segundo momento, busca-se realizar a análise dos dados visando construir respostas sobre como se constrói essa relação, além de buscar respostas sobre esse processo de entrada como forma de começar a conhecer uma realidade desconhecida e “estranha” para o ouvinte.

ABSTRACT: This paper aims to present an ongoing research about how to build the relationship between the listener and the world of Deafness. Through an ethnographic research (Erickson, 1984), this relationship is observed from the experience of the researcher during a course on Sign Language, given by a deaf teacher.

1. INTRODUÇÃO

A área de surdez e educação, conforme Cavalcanti (1999), apresenta pesquisas esparsas em diferentes áreas, como por exemplo, Educação, Lingüística e Psicologia. Até o final dos anos 70, a reflexão sobre o assunto era realizada somente dentro de um paradigma clínico. Somente nos últimos oito anos – aproximadamente, a área de Lingüística Aplicada, através da subárea de Educação Bilíngüe, se abre para estudos sobre surdez.

O *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005* pode ser considerado um avanço político nessa sub-área. Esse *decreto* regulamenta a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como disciplina curricular obrigatória nos cursos de Fonoaudiologia e Pedagogia, além de regulamentar que:

art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de

¹ Mestranda em Lingüística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/Unicamp, sob orientação da Profa. Dra. Marilda C.Cavalcanti e com pesquisa financiada pela CAPES.

graduação de licenciatura plena em Letras:Libras ou em Letras:Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Em razão dessa regulamentação, a tendência é que haja um aumento no número de ouvintes interessados não necessariamente pelo “Mundo dos Surdos”, mas pela aprendizagem de LIBRAS. Esses ouvintes, em muitos casos, terão seus primeiros contatos com o contexto da Surdez durante a formação acadêmica (licenciaturas), quando, espera-se que passem pelo “estranhamento/familiarização”² do primeiro contato e da entrada nesse mundo³.

Diante dessa tendência e da escassez de pesquisas que contemplem a relação do ouvinte com o “mundo” da surdez (dentre algumas, destaco Gesser, 2006), essa pesquisa pretende observar a entrada do ouvinte nesse mundo através da aprendizagem da LIBRAS.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho etnográfico (Erickson, 1984)⁴, realizo essa observação a partir de minha própria experiência enquanto aluna da Língua de Sinais⁵. Experiência essa que está registrada no diário de campo que mantive durante as aulas.

Além disso, pretendo observar minha entrada na realidade profissional da área da Surdez e como fui me construindo como professora dessa área.

Dessa maneira, é através da observação de meu relacionamento com a Língua de Sinais e com a Surdez, propriamente dita, que se orienta as perguntas direcionadoras dessa pesquisa: Como se constrói a relação do ouvinte com o mundo da surdez? Como é o processo de entrada de um ouvinte nesse mundo, através da LIBRAS? Como se dá o processo de aprendizagem da LIBRAS por um ouvinte com professor surdo?

Apesar de ter apresentado e definido, previamente, o contexto dessa pesquisa, faz-se necessário destacar que, por se tratar de uma pesquisa etnográfica, seu contexto pode ser ampliado de acordo com os acontecimentos e necessidades do trabalho de campo observado.

2. JUSTIFICATIVA

Como a área de Educação e Surdez é ainda um campo pouco explorado, faz-se necessário um olhar mais detalhado e que contemple a relação do ouvinte com o “mundo dos surdos”.

Compreendendo como se constrói o relacionamento do ouvinte com esse “mundo” e como se dá o seu envolvimento, pode-se chegar ao esclarecimento das dificuldades/facilidades encontradas nesse contato.

Através desse esclarecimento, o interesse dos profissionais da educação por essa área tende a crescer, proporcionando melhoria na qualidade de ensino e uma melhor integração social dos indivíduos surdos.

² Erickson, 1986 – conf. “A pesquisa etnográfica”.

³ Vale ressaltar que essa regulamentação não fará grandes mudanças por si só. Ela precisará ser acompanhada de ações estratégicas que dependem de vontade política.

⁴ Esse termo será melhor explicado na seção “A pesquisa etnográfica”.

⁵ Frequentei um Curso de LIBRAS oferecido pelo setor de extensão do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP até concluir o Nível Básico dessa língua (onde mantive esse diário)

Essa pesquisa pode ser relevante tanto para os profissionais obrigados/interessados em atuar na área de Educação para Surdos quanto para ouvintes que por alguma razão precisam se comunicar com os surdos.

3. A PESQUISA ETNOGRÁFICA

Para uma melhor compreensão da *pesquisa etnográfica* é necessário que se conheça o conceito de *etnografia* que, como o próprio nome sugere, é o *estudo do outro*. Nesse estudo não se usa critérios de classificação (certo/errado), mas a preocupação é tentar compreender o que leva um indivíduo se comportar de determinada maneira. Essa preocupação está embasada no que Erickson (1986) denomina “a familiarização com o estranho” e “o estranhamento do familiar”, ou seja, uma tentativa de “aproximar-se do ‘desconhecido’” e de “distanciar-se do ‘conhecido’”, de olhar de um ângulo diferente, de colocar-se como espectador.

Em outras palavras, “estranhar o familiar” é olhar algo conhecido como se fosse uma coisa nova e “familiarizar-se com o estranho” é não julgar os valores, mas compreender e tentar se colocar no lugar do outro.

Com esse conceito definido, é importante ressaltar que a *pesquisa etnográfica* visa “oferecer uma descrição e um relato interpretativo-explanatório do que as pessoas fazem em um determinado ambiente, os resultados de suas interações e as formas como compreendem aquilo que estão fazendo”.(Abrahão, 1992:128).

De acordo com Erickson (1984:51) a pesquisa de cunho etnográfico “retrata os eventos do ponto de vista dos atores neles envolvidos”.

É necessário enfatizar que “*O que está acontecendo aqui?*” é uma pergunta fundamental dentro de uma *pesquisa etnográfica*.

4. ARCABOUÇO TEÓRICO

Das leituras até agora realizadas sobre o tema *Surdez*, devo destacar uma que trata do assunto que proponho pesquisar. Trata-se o livro *Vendo Vozes* (Sacks, 1989). Neste livro, o autor – um neurologista ouvinte – narra sua experiência com os surdos vendo-os não mais na condição “médica”, mas na condição “étnica” já que os surdos, segundo o autor, têm uma cultura própria. Ele descreve a importância da Língua de Sinais no desenvolvimento de um indivíduo surdo, reconhece-a como uma língua visual e afirma que essa língua demonstra que o cérebro é rico e se adapta às necessidades. Afirma o autor (op.cit.:10) que somente com a existência de surdos é possível tal compreensão.

Pretendo, a princípio, realizar uma leitura dos dados sob a ótica das reflexões de Sacks, leitura essa que será integrada à proposta de análise da etnografia escolar de acordo com Erickson (1986).

Além disso, uma situação que merece destaque para a análise é a questão do etnocentrismo do ouvinte, ou seja, deste se sentir superior ao surdo, mesmo quando este último é a autoridade na situação de interação (no caso, a sala de aula de LIBRAS ministrada por professor surdo). Com base na observação dessa situação é possível traçar um paralelo com a realidade trabalhada no livro *Os Estabelecidos e Outsiders*:

sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade (Elias e Scotson, 2000). O livro trata da relação de poder que os moradores mais antigos (e sua descendência) de uma pequena cidade da Inglaterra exerce sobre os mais recentes habitantes dessa cidadezinha. Os *estabelecidos* (moradores mais antigos) conseguem provar que são melhores, até mesmo para os próprios *outsiders* (moradores recentes), enfatizando suas características “boas” e características “ruins” desses outros.

Olhando pelo viés *ouvinte/surdo*, também se percebe a marcante relação de poder por parte do ouvinte e a resistência por parte de alguns na aceitação da realidade que o surdo tem seu espaço e que, embora tenha uma cultura diferente, usufrui os mesmo potenciais de qualquer pessoa.

Apesar de citar algumas teorias em que pretendo embasar a pesquisa, o Arcabouço Teórico poderá ser ampliado à medida que surgir necessidade durante o trabalho de campo e nas experiências vivenciadas, uma vez que uma das características da *pesquisa etnográfica* é ser flexível tanto em seu desenho inicial como em seu desenvolvimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa busco responder as perguntas de pesquisa - COMO SE CONSTRÓI A RELAÇÃO DO OUVINTE COM O MUNDO DA SURDEZ? - Como é o processo de entrada de um ouvinte nesse mundo, através da LIBRAS? Como se dá o processo de aprendizagem da LIBRAS por um ouvinte com professor surdo?, visando contribuir e ampliar as discussões sobre a relação do ouvinte na área da Surdez.

Uma vez que esse assunto permeia a sub-área Educação Bilíngüe, da área de Lingüística Aplicada, essa pesquisa, ao observar “registros”(Erickson, 1986) “gerados” (Mason, 1997) em situações cotidianas do ensino/aprendizagem da Língua de Sinais, buscará contribuir para a desmistificação do processo de entrada do ouvinte no “mundo” da Surdez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABRAHÃO, M.H.V. (1992). *Um estudo da interação aluno-aluno em atividades em pares ou em grupos na aula de Língua Estrangeira*. Tese de Doutorado. Campinas, Programa de Lingüística Aplicada/Unicamp.
- CAVALCANTI, M. C. (1999). “Estudos sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contexto de Minorias Lingüísticas no Brasil”, in: *D.E.L.T.A.*, vol. 15, número especial, pp. 385-417.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ERICKSON, F. (1984). “What Makes School Ethnography Ethnographic?”, in: *Antropology and Education Quarterly*.
- _____. (1986). “Qualitative methods in research on teaching”, in: M.C. WITTRICK (org.), *Handbook of research on teaching*. (s.l.): MacMillan.
- GESSER, A. (2006). “Um olho no professor surdo e outro na caneta”: *ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais*. Tese de doutorado. Campinas, IEL/UNICAMP.
- MASON, J. (1997). *Qualitative Researching*. (s.l.): Sage.
- SACKS, O. (1989). *Vendo Vozes*. São Paulo: Companhia das Letras.